

CRÍTICA

VARIEDADE TEMÁTICA NO CURTA BRASÍLIA

Gustavo Galvão

Especial para o Correio

Apesar de contar com apenas dois curtas-metragens na mostra competitiva do 31º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro — além de um longa *hors-concours* —, a produção cinematográfica brasiliense é mais profícua do que aparenta. Tanto que, com os filmes que ficaram de fora do maior evento do gênero, foi possível organizar uma mostra paralela à disputa pelo Candango.

De quarta-feira ao último sábado, sempre às 19h e com um bom público, o Cine Brasília abrigou a chamada Mostra Curta Brasília. Ao todo, foram quatro curtas que se destacaram pela variedade temática, apesar da disparidade técnica.

A mostra começou bem, com a exibição do eficiente *Bom Dia, Senhoras!*, curta dirigido pela professora de cinema na Universidade de Brasília Érika Bauer. O único dos quatro filmes a exibir uma estrutura narrativa elaborada em detalhes, ele é superior a muitos dos curtas incluídos na mostra competitiva do festival.

Grande parte dos 20 minutos do filme passa-se num casarão em ruínas, onde moram três irmãs em conflito. A delicadeza e ironia dos diálogos oferecem uma visão alegórica que chega a lembrar — guardadas as devidas proporções — *Mamãe Faz 100 Anos*, de Carlos Saura. De forma singela, *Bom Dia, Senhoras!* faz das relações familiares um retrato da sociedade brasileira.

A riqueza de detalhes do primeiro curta, porém, fez falta aos demais. Especialmente a *Palestina do Norte — O Araguaia Passa por Aqui*, documentário dirigido pela também professora Dácia Ibiapina, que volta-se para o sul do Pará para cavar os traumas provocados pela Guerrilha do Araguaia.

Por mostrar o rosto das pessoas que viveram o período e em seguida dar voz a elas, o filme já valeria a pena. O problema é que não há aprofundamento no próprio tema. Calcado em um direcionamento convencional, deixa no ar a sensação de que existem muitas perguntas sobre o conflito, mas que não será *Palestina do Norte* que as responderá.

O curta evidencia que, mesmo sendo as porta-vozes da guerra que os militares encobrem a todo custo, as mulheres do Araguaia não conseguem traduzir o desmantelo provocado pelos ataques do exército. Seus depoimentos são pouco consistentes. E ao prender-se demais nisso, o documentário não aponta para uma conclusão, permanecendo apenas o seu tom humanístico.

Já na sexta-feira foi exibido *Retratos & Borboleta*, de Yanko Del Pino. O diretor — que morou oito anos em Brasília — relata os principais acontecimentos da vida da cidade com o poético vôo de uma borboleta sobre fotos em preto-e-branco.

A partir de efeitos em animação e de interferências gráficas, Del Pino faz uma viagem interessante pela História, sem deixar de lado um apelo social que fornece-lhe ainda mais credibilidade. A cada foto, ele faz revelações sobre a própria identidade do povo que construiu e que constrói a capital. Entretanto, por pouco seu andamento irregular não compromete um trabalho sensível.

Sensibilidade, aliás, que faltou a Liloye Boubli na condução do seu *Tangerine Girl*, curta que encerrou a mostra. Filmado no início de 1996 no Ceará, o curta tropeça em uma narrativa desordenada, que privilegia as ambições da diretora ao invés do potencial dramático das situações.

Inspirado em pesquisa do ator Emiliano Queiroz — também utilizada para a realização do longa *For All — O Trampolim da Vitória* — e em conto de Rachel de Queiroz, o filme narra a passagem dos soldados norte-americanos por Fortaleza, em 1942. O que deveria ser uma deliciosa crônica de costumes, por sua vez, transforma-se aqui em um folhetim banal, sem brilho e inspiração.

A inverossimilhança das cenas é realçado pela falta de pulso da direção, incapaz de orquestrar o elenco desigual — a experiênciá de Emiliano Queiroz, por exemplo, contrasta com a presença opaca da protagonista Karla Mansso. No final das contas, são 18 minutos que parecem uma hora inteira.